



A HERMENÊUTICA JUNGUIANA EM ESTUDO: APLICAÇÕES POSSÍVEIS NA PESQUISA QUALITATIVA EM PSICOLOGIA

*THE JUNGIAN HERMENEUTICS IN STUDY: POSSIBLE APPLICATIONS IN THE
QUALITATIVE RESEARCH IN PSYCHOLOGY*

Luis Gustavo Vechi¹

Resumo

Este artigo teórico caracteriza a hermenêutica junguiana e propõe aplicá-la à pesquisa qualitativa em Psicologia. Textos de Jung e de comentadores dele a respeito dessa hermenêutica constituíram a amostra de análise deste estudo cujos resultados foram organizados mediante as seguintes categorias obtidas com a pesquisa: “o termo ‘hermenêutica’ na Psicologia de Jung”, “a epistemologia esse in anima”, “a atitude simbólica”, “as quatro etapas de leitura”, “a orientação teleológica na compreensão de sentido” e “o discurso e o iconográfico como material empírico na hermenêutica junguiana”. A aplicação dos seguintes procedimentos dessa hermenêutica foi proposta na pesquisa qualitativa em Psicologia: “a atitude simbólica do pesquisador: circunscrever a realidade como símbolo”; “a epistemologia esse in anima”; “os símbolos discurso e iconográfico de indivíduos, grupos ou culturas como material empírico”; “a compreensão do símbolo como meio de se investigar um tema/problema de estudo”; “a leitura do símbolo mediante os procedimentos ‘deixar acontecer’, ‘engravidar e objetivar’ e ‘confrontar-se com e se diferenciar de’ e ‘amplificação’” e “a perspectiva finalista que prioriza a identificação de finalidade e de propósito em vez de causa e de explicação no processo de entendimento do símbolo”.

Palavras-chave: Psicologia junguiana; hermenêutica; pesquisa qualitativa; símbolo

Abstract

This theoretical article characterizes the Jungian hermeneutics and proposes applications of that to qualitative research in Psychology. Jung's articles as well as those from his commentators on hermeneutics formed the analysed sample which had its results organized using the following categories identified with the sample scrutiny: "the term 'hermeneutics' in the Psychology of Jung", "the epistemology esse in anima", "the symbolic attitude", "the four reading stages", "the teleological orientation in the understanding of meaning" and "discourse and iconography as empirical materials in Jungian hermeneutics". The application of the following hermeneutics procedures to qualitative research in Psychology was proposed: "the researcher's symbolic attitude: circumscribing reality as a symbol"; "the epistemology esse in anima"; "discourse and iconographic symbols produced by individuals, groups or cultures as empirical research materials"; "the understanding of the symbol as a means of investigating a theme and a problem in research"; "the reading of a symbol through the procedures 'let it happen', 'get pregnant and objectify' and 'confront and differentiate from' and 'amplification'" and "the perspective that prioritizes the identification of purpose and direction over cause and explanation in the understanding of a symbol".

Keywords: Jungian psychology; hermeneutics; qualitative research; symbol

¹ Membro do New Zealand College of Clinical Psychologists, psicólogo clínico e pesquisador no Waikato Hospital, Nova Zelândia e pesquisador-colaborador do LEP – Laboratório de Estudos da Personalidade, Instituto de Psicologia, USP. Endereço: 5 Kennedy Lane, Hamilton East, 3216, Hamilton, New Zealand, lgvechi@gmail.com

Este artigo caracteriza a abordagem hermenêutica de Carl Gustav Jung e propõe aplicações desse método à pesquisa qualitativa em Psicologia. O texto deste trabalho está organizado em três partes: Na primeira parte, denominada de “procedimentos”, esclarecemos os procedimentos de obtenção da amostra desta pesquisa. Na segunda, intitulada “resultados”, caracterizamos as perspectivas epistemológica e metodológica da abordagem hermenêutica junguiana. Na terceira parte, denominada de “reflexão e considerações finais”, propomos a aplicação de aspectos dessa hermenêutica nas pesquisas qualitativas em Psicologia, bem como fazemos os últimos comentários a respeito deste artigo.

PROCEDIMENTOS

A amostra deste artigo foi definida mediante os seguintes procedimentos:

O primeiro deles correspondeu ao processo “arqueológico” de identificação dos textos de C. G. Jung sobre o tema de interesse deste trabalho. Essa tarefa foi realizada por meio da consulta à obras sobre o pensamento junguiano que organizam a produção desse autor por tópicos e temas. Nesses termos, consultamos os seguintes verbetes da obra *A critical dictionary of Jungian analysis* (Samuels, 1993): “meaning”, “interpretation”, “reductive and synthetic method”, “circumambulation”, “symbol” e “symbolic attitude”. Além desses, no *General Index to the Collected Works of C.G. Jung* (Forrryan e Glover, 1979), foram consultados os verbetes: “hermeneutic”, “methods”, “methodology”, “symbol”, “meaning”, “image” e “interpretation/interpretative”. O livro *Carl Gustav Jung: chaves-resumo das obras completas* (Rothgeb, 1998) também foi incluído como referência para a seleção da amostra pois permite a consulta aos resumos dos 18 volumes das obras completas de Jung.

Além dos documentos de Jung, consultamos alguns escritos de comentadores da Psicologia junguiana os quais abordam o tema de interesse deste estudo. Estes textos pertencem à vertente “clássica” de pensamento dessa escola em Psicologia pois mantém a formulação original dos principais conceitos de Jung bem como a filiação ao Instituto C.G. Jung de Zurich (Hard, 2008; Samuels, 1989, 2017).

Com o segundo procedimento de seleção da amostra, os textos selecionados nas obras consultadas foram lidos, para que pudessem ser identificados aqueles que abordavam, direta ou indiretamente, a temática de interesse. Foram, assim, excluídos os textos em que a hermenêutica como tema não ganhou

importância suficiente para serem incluídos neste estudo.

RESULTADO

A leitura dos artigos selecionados permitiu o levantamento das seguintes categorias temáticas: “o termo ‘hermenêutica’ na Psicologia de C. G. Jung”, “a epistemologia *esse in anima*”, “a atitude simbólica”, “as quatro etapas de leitura”, “a orientação teleológica na compreensão de sentido” e, finalmente, “o discurso e o iconográfico como material empírico na hermenêutica junguiana”. Essas categorias foram escolhidas devido à frequência e à relevância nos textos investigados. Sustentamos os resultados obtidos por meio de extratos da obra de Jung e de seus comentadores a fim de respaldar a nossa exposição.

a) O termo “hermenêutica” na Psicologia de Jung

Jung se referiu à hermenêutica como a arte da interpretação textual e, em 1916, se serviu desse termo para indicar o método usado por ele para decifrar o significado simbólico das fantasias de seus pacientes. Por muitas razões, é possível dizer que Jung foi um hermeneuta no atendimento de seus pacientes dele, no estudo das filosofias ocidentais e da alquimia medieval e no estudo dos textos e das tradições do Oriente (Clarke, 1996).

A hermenêutica junguiana tem raízes na prática hermenêutica estabelecida desde o século XVIII, disciplina antiga dedicada à correta interpretação de textos religiosos antigos que possuíam diferentes versões para o mesmo texto (Reason & Rowam, 1981).

No século XIX, o teólogo alemão Schleiermacher ampliou a utilização da hermenêutica para o estudo de outros objetos, tais como textos não sagrados, outros artefatos culturais e, até mesmo, o ser humano. O filósofo Wilhelm Dilthey propôs a hermenêutica como o método próprio das ciências do espírito em oposição ao das ciências da natureza (Clarke, 1996).

Com o desenvolvimento da hermenêutica, a compreensão se tornou a meta fundamental para se investigar o objeto estudado. Não se trata mais de buscar uma verdade, mas de desenvolver um entendimento possível do objeto em estudo (Bernstein, 1983). A hermenêutica é um caminho para produzir conhecimento que valoriza a compreensão que, por sua vez, é entendida como um processo criativo que não apenas reproduz, mas também cria algo novo (Jung, M., 2002). Nesse sentido, o “material que é examinado e o

examinador, com todo o seu afeto, conhecimento ou falta dele, e as influências culturais e históricas, estão . . . envolvidos na compreensão” (Burke, 2003, p. 135).

b. A epistemologia *esse in anima*

A hermenêutica junguiana está pautada pelo princípio epistemológico *esse in anima* que corresponde ao ponto de vista psicológico (Jung 1926/1991). Essa proposição se distingue das perspectivas epistemológicas representadas pelo *esse in re* e pelo *esse in intellectu*.

O *esse in re*, que na sua forma mais extrema corresponde ao realismo, propõe a existência do objeto independente do sujeito do conhecimento e o saber como descrição da realidade. Ele permite, nesse sentido, sustentar a crença de que o pesquisador acessa o “ser da realidade e da coisa”, e adota o pressuposto de que o mundo é singular, estável e sistematicamente recebido ou revelado por meio dos sentidos, sendo possível estabelecer distinções claras entre percepção e ilusão, interior e exterior, realidade e fantasia. Acredita-se que o objeto existe independentemente de qualquer crença ou contexto de práticas.

O *esse in intellectu*, que tem no racionalismo uma de suas maiores expressões, delimita o conhecimento como produto da atividade do pensamento seqüencial e lógico: produto das ideias claras e distintas. A razão é preferida sobre a imaginação, metáforas, sonhos e opiniões pessoais na busca pelo significado e verdade. O pensamento é o método superior para determinar a interpretação correta do objeto que se confunde com o “ser no intelecto” (Young-Eisendrath & Hall, 1991).

Nos dois pontos de vista epistemológicos *esse in re* e *esse in intellectu* há a crença de que o objeto existe independentemente do observador e que a verdade é uma descrição do que se investiga (*esse in re*) ou de uma lógica construída pelo e no pensamento, que identifica a realidade do que se estuda (*esse in intellectu*) (Jantsch, 1975). Para o *esse in anima*, o conhecimento corresponde ao “ser na alma”, isto é, o saber possível é decorrente da experiência que o pesquisador tem do objeto que estuda. Ao ter comentado essa posição epistemológica de Jung, Carotenuto (2000) afirmou que:

Não apenas o psicólogo suíço destaca a subjetividade de cada Psicologia, e acima de tudo de cada produção humana, mas refuta também a impossibilidade de o psicólogo assumir um ponto de vista objetivo pois

coincide a condição de ser o instrumento de pesquisa – a psique – como também aquela de ser o objeto de investigação (por ser percebido e coletado de sua própria psique). Essa concepção de relação entre o sujeito que observa e o objeto observado encontra apoio no campo junguiano mediante o conceito de equação pessoal. (p. 182)

O termo “equação pessoal”, articulado por Jung (1938/1954/2002) a partir da leitura que fez do *a priori* da razão definido por Kant em a *Crítica da Razão Pura*, introduziu o pressuposto de que a investigação científica ocorre mediante a organização que o sujeito do conhecimento faz do objeto que estuda, como explicitou o pensador suíço no fragmento transcrito abaixo:

Nos cento e cinquenta anos transcorridos desde a *Crítica da Razão Pura*, pouco a pouco foi-se abrindo caminho à intuição de que o pensar, a razão, a compreensão, etc., não são processos autônomos, livres de qualquer condicionamento subjetivo, apenas a serviço das eternas leis da lógica, mas sim funções psíquicas agregadas e subordinadas a uma personalidade. (pp. 88, 89, para. 150)

O condicionamento pessoal é possibilidade e limite na pesquisa como esclareceu Jung (1934/1991):

A limitação inevitável que acompanha qualquer observação psicológica é a de que ela, para ser válida, pressupõe a equação pessoal do observador. Por isto é que a teoria psicológica expressa, antes e acima de tudo, uma situação psíquica criada pelo diálogo entre um determinado observador e certo número de indivíduos observados. (pp. 37-38, para. 213, 214)

Carotenuto (2000) indicou que o ponto de vista epistemológico de Jung sustentou o objeto científico como formado na multiplicidade e na contemporaneidade de pontos de vista e irremediavelmente relacionados ao sujeito com quem está em relação. O conceito de realidade não é, desse modo, abstraído dos efeitos que “o observador inevitavelmente exerce sobre o sistema observado, com o resultado de que a realidade perde alguma coisa de seu caráter objetivo e a imagem do mundo físico se apresenta com uma componente subjetiva” (Jung, 1946/1991, p. 165, para. 438).

Jung (1972/2002) propôs uma hermenêutica

segundo a qual “só se entende aquilo que se experimentou e vivenciou” (p. 300). Para Jung (1952a/1969a), “Só posso conhecer como verdadeiro e real aquilo que atua em mim” (p. 469, para.757). Esta foi aplicada por seu autor em duas direções que se complementaram. A primeira se direcionou ao microcosmo interno da psique, enquanto a segunda, ao macrocosmo dos produtos simbólicos e dos sistemas de crenças dos quais faziam parte a gnose, a alquimia medieval, a teologia cristã, o ocultismo e as teses filosóficas do Oriente (Clarke, 1996).

c. A atitude simbólica

A hermenêutica desenvolvida por Jung em toda a sua obra se apóia basicamente na definição de uma atitude simbólica diante da realidade, ou seja, de uma acepção da realidade como símbolo. Nesses termos, as definições de símbolo e de atitude simbólica são fundamentais para a sistematização da hermenêutica proposta por esse autor.

Segundo Jung (1922/1966), “A abordagem psicológica é possível apenas ao estar direcionada para . . . símbolos . . . que constituem a fenomenologia . . . a qual não toca na natureza essencial” (p. 65, para. 98). Jung (1912/1952/1986) explicou que “O símbolo . . . indica alguma coisa . . . não reconhecida completamente. O . . . sinal tem um significado determinado, porque é uma abreviação (convencional) de alguma coisa conhecida ou uma indicação correntemente usada da mesma” (p. 112, para. 180). Desse modo, a hermenêutica é “método . . . se baseia em apreciar o símbolo . . . não mais semioticamente, como sinal . . . mas simbolicamente . . . entendendo-se ‘símbolo’ como o termo que melhor traduz um fato . . . não claramente apreendido pela consciência” (Jung, 1957/1958/1991, p. 7, para. 148). Assim, símbolos verdadeiros são a melhor expressão para algo desconhecido (Jung, 1922/1966).

O caráter de ser símbolo não é apenas uma propriedade das coisas do mundo, mas uma atitude do sujeito do conhecimento. Jung denominou essa atitude como simbólica e a caracterizou por meio da pressuposição de que o fenômeno investigado enuncia e significa algo a mais e diferente que ultrapassa o conhecimento atual a respeito dele (Jung, 1921/1991; Siegelman, 1990). Jung (1921/1991) discutiu esse aspecto no fragmento abaixo:

Depende da atitude da consciência que observa se alguma coisa é símbolo ou não; depende, por exemplo, da inteligência que considera o fato dado não apenas como tal, mas como expressão de algo desconhecido.

É bem possível, pois, que alguém estabeleça um fato que não pareça simbólico à sua consideração, mas o é para outra consciência. Também é possível o caso inverso. . . . Esta atitude que concebe o fenômeno dado como simbólico podemos denominá-la *atitude simbólica*. Só em parte é justificada pelo comportamento das coisas; de outra parte é resultado de certa cosmovisão que atribui um sentido a todo evento, por maior ou menor que seja, e que dá a este sentido um valor mais elevado do que à pura realidade. . . . o simbolismo depende exclusivamente do modo de observar. (pp. 445-446, para. 908, 909)

Quando afirmamos que a atitude simbólica de leitura busca o “que mais existe, além do que parece ser”, não propomos a dicotomia, aparência *versus* essência ou latente *versus* manifesto, porque não é essa a formulação hermenêutica de Jung. A proposta de Jung é dialética, e busca compreender o símbolo por meio de um diálogo com ele, sem almejar identificar algo escondido ou latente. Com essa proposta metodológica, o conhecimento é o resultado da conexão que se estabelece entre sujeito e objeto e, por isso, a distinção absoluta entre eles se torna artificial e arbitrária (Jung, 1935/1991).

Ao afirmar que “significado é algo que sempre demonstra a si mesmo e é experienciado de acordo com o seu próprio mérito” (Jung, 1952a/1969a, p. 360, para. 554), esse autor esclareceu que os componentes de uma pesquisa como o plano empírico e a teoria científica não se anulam em suas especificidades na vivência do pesquisador. Essa perspectiva de diálogo defendida no presente trabalho é esclarecida no excerto abaixo:

Tenho que optar . . . por um método dialético, que consiste em confrontar as averiguações mútuas. Mas isto só se torna possível se eu deixar ao outro a oportunidade de apresentar seu material o mais completamente possível, sem limitá-lo pelos meus pressupostos. Ao colocar-nos dessa forma, o sistema dele se relaciona com o meu, pelo que se produz um efeito dentro do meu próprio sistema. Este efeito é a única coisa que posso oferecer . . . legitimamente. (Jung, 1935/1991, p. 3, para. 2)

Os símbolos não são entidades a serem interpretadas, mas sim dinamismos a serem experimentados pelo leitor (Eenwyk, 1997). A

hermenêutica pautada pelo método dialético proposto por Jung (1934a/1991a) “expressa, antes e acima de tudo, uma situação psíquica criada pelo diálogo entre um determinado observador e certo número de . . . observados. Essa situação psíquica pode ser explicitada pelo termo “sincronicidade” (p. 37, 38, para. 213, 214).

A sincronicidade que representa um princípio de apreciação da realidade específica o processo básico de compreensão simbólica:

O princípio da sincronicidade afirma que os termos de uma coincidência significativa estão conectados à *simultaneidade* e ao *significado* . . . Apesar de o significado ser uma interpretação antropomórfica, ele constitui o critério fundamental para identificarmos a sincronicidade. . . . As coincidências significativas são pensáveis como puro acaso. Mas, quanto mais elas se multiplicam, maior e mais exata é a concordância, tanto mais diminui sua probabilidade e mais aumenta sua impensabilidade, quer dizer, não se pode mais considerá-las meros acasos, mas, por não terem explicação causal, devem ser vistas como simples arranjos que têm sentido. (Jung 1952b/1969b, pp. 485, 518-519, para. 916, 967)

Neste artigo, a sincronicidade é entendida como as coincidências significativas geradas do encontro entre leitor e símbolo. Na sincronicidade, a coincidência significativa corresponde ao encontro simultâneo entre as reações do leitor e a materialidade do símbolo. Nem todas as reações são consideradas, mas apenas as significativas, isto é, aquelas que encontram correspondência no que serviu de inspiração para a leitura. Jung sustentou essa proposta, ao afirmar:

O ideal e objetivo da ciência não consistem em dar uma descrição, a mais exata possível, dos fatos – a ciência não pode competir com a câmara fotográfica ou com o gravador de som – mas em estabelecer a lei que nada mais é do que a expressão abreviada de processos múltiplos que, no entanto, mantêm certa unidade. Este objetivo se sobrepõe, por intermédio da concepção, ao puramente empírico, mas será sempre, apesar de sua validade geral e comprovada, um produto da constelação psicológica subjetiva do pesquisador. . . . Desconfio do princípio da “pura observação” na assim chamada psicologia objetiva, a não ser que nos

limitemos à lente do cronoscópio, taquistoscópio e outros aparelhos “psicológicos”. . . . Exigir que só se olhe objetivamente nem entra em cogitação, pois isto é impossível. Já deveria bastar que não se olhasse subjetivamente demais. . . . O fato de a observação e a interpretação subjetivas concordarem com os fatos objetivos prova a verdade da concepção apenas na medida em que esta última não pretenda ser válida em geral. (Jung, 1921/1991, pp. 25-26, para. 8)

d) As quatro etapas de leitura

Humbert (1985) explicitou que o diálogo pressuposto na hermenêutica Junguiana pode ser, para fins didáticos, compreendido como formado por três etapas, explicitadas mediante três verbos no Alemão: *Geschehenlassen*, *Betrachten* e *Sich auseinandersetzen*.

A primeira etapa é a de encontrar, com receptividade e aceitação, o material a ser lido. Já a segunda é a de deixar as características desse objeto penetrarem no leitor para que ele “engravidar”, enquanto a terceira é a de se confrontar com o que surge desse processo hermenêutico (Humbert, 1985).

A hermenêutica junguiana prevê ainda uma quarta etapa de diálogo com o objeto a ser lido: a amplificação, que é o processo de estabelecer analogias entre o símbolo em estudo e outros que mantenham com ele alguma relação significativa e que, portanto, possam elucidá-lo. Jung (1912/1952/1986) esclareceu esse ponto no seguinte excerto: “O que faço é o seguinte: Adoto o método do filólogo . . . aplicando um princípio lógico, a *amplificação*, que consiste simplesmente em estabelecer paralelos” (p. 77, para. 173).

Ao discorrer sobre a amplificação ele afirmou que: “Assim como nenhum método psicológico de interpretação se baseia exclusivamente no material associativo do analisando . . . o método [que proponho] . . . também faz uso de certos materiais comparativos” (Jung, 1921/1991, p. 403, para.784).

A amplificação permite a busca do diferente, mas também do simultâneo, isto é, traz a possibilidade de uma visão que singulariza o símbolo, mas que procura as suas relações com fenômenos mais amplos registrados na história atual ou pregressa do humano (Samuels, 1993). Nesse sentido, compreender consiste em uma relação circular e espiral entre o todo e as partes, entre o que é conhecido e o que é desconhecido, entre o fenômeno e o contexto em que

está inserido, entre o que conhece e aquilo que é conhecido (Reason & Rowan, 1981). Com a amplificação, é possível identificar que os símbolos mais individuais não são únicos, oferecendo analogias evidentes com outros símbolos. É possível, portanto, a análise comparativa entre eles (Jung, 1914/1999).

Esse uso da amplificação está inspirado no modo como Jung (1912/1952/1986) a empregou no livro *Símbolos de Transformação*, no qual mostrou o valor dos registros culturais produzidos no decorrer da história, como mitos, contos de fadas, lendas, esculturas, imagens, entre outros, para ampliar a compreensão dos símbolos de uma paciente:

O objetivo real deste livro limita-se a uma análise tão profunda quanto possível de todos aqueles fatores históricos mentais que se reúnem numa fantasia individual . . . Os pesquisadores psicológicos até agora voltaram seu interesse principalmente para a análise de problemas individuais. Contudo, na situação atual parece-me indiscutivelmente necessário ampliar a análise dos problemas individuais pelo acréscimo de material histórico . . . Pois, assim como os conhecimentos psicológicos facilitam a compreensão de acontecimentos históricos, inversamente também fatos históricos podem lançar nova luz sobre conjunturas psicológicas individuais. Estas e outras considerações levaram-me a dirigir minha atenção um pouco mais para o lado histórico, na esperança de obter aí novos conhecimentos sobre os fundamentos da psicologia. (p. xxii, 5, para. 3)

e) A orientação teleológica na compreensão de sentido

A hermenêutica junguiana contém uma proposta específica de leitura simbólica que é denominada como sintético-construtiva. Esta, segundo Jung(1914/1999), se dedica a vislumbrar as finalidades contidas na produção simbólica em estudo:

[A] psique humana é somente em parte algo *passado* e como tal sujeito ao ponto de vista causal. Por outro lado, porém, a psique é um *devir*, que apenas pode ser entendido de modo *sintético* ou *construtivo*. O princípio da causalidade investiga apenas de que maneira essa psique se tornou o que é agora, tal como ela hoje se apresenta. A perspectiva

construtiva, ao contrário, pergunta como se pode construir uma ponte entre esta psique e o seu futuro. (p. 166, para. 399)

De acordo com Samuels (1993), com essa hermenêutica, Jung estava mais interessado em identificar para onde a vida de uma pessoa a levava do que em conhecer as causas dessa situação. Para explorar o potencial sintético-construtivo dessa leitura, Jung (1928/1969) ressaltou o fenômeno psicológico como dotado de propósitos e não apenas de causas e de explicações:

Aquilo que para o ponto de vista causal é fato, para o ponto de vista finalista é símbolo, e vice-versa. Tudo o que é real para um ponto de vista é irreal para o outro. Por isto devemos nos contentar com o postulado antinômico e considerar o mundo também como um fenômeno psíquico. . . . Como a alma possui também o ponto de vista finalista, procedermos apenas causalmente com respeito aos fenômenos psíquicos é psicologicamente inadmissível e nos levaria à monotonia da conhecida interpretação. (p. 24, para. 45)

Embora as finalidades indicadas pelos símbolos estejam contidas nele, para serem vislumbradas, dependem dos efeitos que o material simbólico despertam no leitor. Esse foi um princípio da hermenêutica junguiana apresentado acima e que se mantém na leitura sintético-construtiva de forma específica:

se não conseguimos compreender de modo prospectivo, então nada compreendemos. . . a perspectiva construtiva deve ser necessariamente especulativa. . . uma validade subjetiva. . . Consiste numa criação subjetiva que, vista de fora, pode facilmente parecer uma *fantasia infantil* ou, ao menos, um produto inequívoco desta. Assim deve ser julgada numa perspectiva “objetiva” na medida em que se equipara “objetivo” com “científico” ou “causal”. No entanto, visto de dentro, a compreensão construtiva significa *redenção*. (Jung, 1914/1999, pp. 165, 167-168, para. 397-398, 405-407)

Esse tipo de compreensão foi exemplificada com a abordagem à obra *Fausto*, de Goethe:

A interpretação causalística do *Fausto* pode

nos explicar como a obra de arte foi realizada, mas não explica, de modo algum, o sentido tão vigoroso da criação do poeta, que se mantém vivo porque vivenciamos de alguma maneira em nós e através de nós. Na medida em que para nós a vida é algo de novo a triunfar constantemente sobre todo o passado, devemos buscar o principal valor de uma obra de arte não em sua progressão causal, mas no efeito vivo que exerce sobre nosso espírito. Ao considerarmos o *Fausto* como uma coisa do passado, estamos, na verdade, desvalorizando-o; o *Fausto* apenas poderá ser entendido se for interpretado como algo em contínuo devir e sempre de novo vivenciável. (Jung, 1914/1999, pp. 165-166, para. 398)

f) O discurso e o iconográfico como material empírico na hermenêutica junguiana.

Para Jung (1912/1952/1986), há dois tipos principais de símbolos psíquicos para a compreensão da experiência psicológica. Estes distinguidos pelo processamento e registro que possuem: o iconográfico e o linguístico, isto é, a imagem e o discurso (verbal ou escrito), respectivamente. Essa distinção dos símbolos pode ser estabelecida por critérios, como o nível de controle do sujeito e de participação do contexto cultural na produção dos mesmos. Para este artigo, não fizemos distinções entre linguagem e discurso nem discutimos as diferenças entre eles, pois os tomamos como definições de um único tipo de expressão simbólica.

De acordo com Jung, o discurso é uma das vias de expressão simbólica que revela experiência e percepção subjetivas: “Nomes e palavras são pobres invólucros, mas revelam a espécie de vivência” (Jung, 1933/1934/1993, p. 147, para. 330-331), uma vez que a “nossa linguagem é um reflexo fiel do fenômeno psíquico” (Jung, 1972/2002, p. 245). Nesse sentido,

a linguagem e o uso do fogo. Ambos são produtos da energia psíquica, da libido . . . [isto é] da intensidade subjetivamente percebida das mais diversas situações. Tudo o que for muito acentuado, portanto os conteúdos carregados de energia têm por isso amplos significados simbólicos. Para a fala, que tudo exprime, isto é óbvio. (Jung, 1912/1952/1986, p. 151, para. 237)

Eenwyk (1997) acrescentou que o discurso é em si simbólico. O sentido de uma palavra é a sua

definição. Quando as palavras estão combinadas em sentenças, uma referência emerge que aponta para uma forma sinérgica que ultrapassa o significado de cada palavra considerada individualmente, ou seja, para um significado que se estabelece pela sentença como um todo. As palavras se combinam entre si de modo a apontar significados que apontam para além delas.

O discurso é uma expressão simbólica, em grande parte, dirigida pelo sujeito e dimensionada pelo parâmetro social que impõe uma gramática com regras sintáticas e semânticas para a comunicação no exercício dos papéis sociais. Se o indivíduo não se ajustar a essas exigências, ele compromete o exercício do papel social. O discurso como símbolo traz em si a forte presença do condicionante social (Jung, 1912/1952/1986).

Jung (1952a/1969a) salientou: “Sei perfeitamente como é reduzida a nossa capacidade de representação – sem falarmos das limitações e da pobreza de nossa linguagem” (p. 363, para. 556). Quando comparado ao discurso, o material iconográfico pode ser visto como uma importante forma de expressão simbólica que difere da verbal, pois dotada de processos mais involuntários (Jung, 1957/1958/1991). A expressão gráfica por meio de imagens, como o desenho possibilita à experiência aparecer por meio de um registro que em sua produção, se comparada à do símbolo-discurso, tem diferente nível de participação voluntária do sujeito e do contexto social.

No texto *A função transcendente*, Jung (1957/1958/1991) discorreu sobre a importância do desenho como símbolo:

Não é suficiente explicar, em todos os casos, apenas o contexto conceitual do conteúdo de um sonho. Muitas vezes impõe-se a necessidade de esclarecer conteúdos obscuros, imprimindo-lhes uma forma visível. Pode-se fazer isto, desenhando-os, pintando-os ou modelando-os. Muitas vezes as mãos sabem resolver enigmas que o intelecto em vão lutou por compreender. (p. 19, para. 180)

REFLEXÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na exposição dos resultados acima, é possível concluir que a hermenêutica junguiana se pauta por uma epistemologia e métodos específicos que promovem uma leitura “metaforizante” de símbolos por meio de procedimentos que sistematizam elementos diferentes no processo de interpretação simbólica, como

a equação pessoal do pesquisador, a alteridade do símbolo estudado, o processo de diálogo entre essas duas partes e as referências empregadas na amplificação. Nesse sentido, propomos a aplicação dessa hermenêutica em pesquisas qualitativas em Psicologia.

Partimos da definição de pesquisa qualitativa como estratégia de pensamento que valoriza a “compreensão” de “sentido” na produção do conhecimento e é pautada por um método e por uma epistemologia que definem objeto e sujeito do conhecimento em uma relação de mútua constituição (Rey, 2002). De acordo com essa noção, o sujeito do conhecimento é reconhecido como parte integrante do processo do conhecer, marcando a constituição do objeto de estudo e dos resultados obtidos com ele. Sob essa perspectiva, sujeito e objeto participam na e da definição de sentido produzido por uma pesquisa científica (Rey, 2005). Essa definição parece dialogar com os aspectos da hermenêutica junguiana apontados nos resultados deste estudo e permite uma abertura para a aplicação desse método da Psicologia Analítica em pesquisas qualitativas.

Nesses termos, propomos abaixo seis possíveis aplicações da hermenêutica junguiana na pesquisa qualitativa em Psicologia.

A primeira aplicação é conceber a realidade como símbolo por meio da atitude simbólica do pesquisador. A segunda aplicação corresponde a utilizar o discurso e/ou o material iconográfico na formação da amostra empírica de uma pesquisa qualitativa. A terceira proposta é a de utilizar símbolos produzidos por indivíduos, grupos ou cultura em amostras de estudos qualitativos, a fim de se lançar luz sobre os temas, as questões e os problemas em investigação.

A quarta aplicação da hermenêutica junguiana em pesquisas qualitativas se refere ao emprego da epistemologia *esse in anima* a fim de se considerar a experiência do pesquisador sobre o símbolo em estudo no entendimento de seu significado. A quinta aplicação dessa hermenêutica corresponde à utilização das etapas metodológicas de leitura de um símbolo: “deixar acontecer”, “engravidar e objetivar” e “confrontar-se com e se diferenciar de” e “amplificação”. A sexta e última aplicação da hermenêutica junguiana em pesquisas qualitativas corresponde ao emprego da perspectiva teleológica na compreensão do símbolo.

Posto isso, antes de encerrarmos este artigo, é importante refletir sobre o fato de que a hermenêutica junguiana foi objeto de estudo neste artigo e, simultaneamente, o método que empregamos para a análise da amostra desta investigação. Nesse sentido, reconhecemos que a experiência que temos (e tivemos)

com a Psicologia Analítica como docentes dessa disciplina, pacientes da análise junguiana, pesquisadores dessa matéria e psicoterapeutas junguianos esteve presente nas etapas de diálogo que estabelecemos com os textos investigados. Nossa experiência interferiu na “receptividade e aceitação”, no “engravidamento” e na “confrontação” produzidos diante do material bibliográfico tomado como símbolo. Não nos detivemos, contudo, a apresentar as passagens e as etapas de processamento da leitura, isto é, do encontro, da gestação e do confronto, mas apresentamos o produto resultante de nossa leitura no corpo deste artigo.

Nesses termos, os textos selecionados da bibliografia estudada foram ponto-de-partida e não de chegada para este trabalho, pois, por meio deles, sistematizamos a visão metodológica e epistemológica contida nessas referências. Em certos momentos do trabalho, empregamos a amplificação, estabelecendo analogias entre os conceitos de Jung e os de outros autores a fim de compreendermos a hermenêutica junguiana. Esse procedimento ajudou a explicitar a hermenêutica junguiana ao enfatizar ou esclarecer aspectos dessa perspectiva pouco claros no pensamento de Jung. O produto da leitura dos textos deste artigo deve, assim, ser tomado como a síntese “metaforizante” que pudemos fazer desses documentos.

Se a maneira com a qual caracterizamos a hermenêutica junguiana e propusemos a aplicação dela em pesquisa qualitativa em Psicologia foi a condição de possibilidade para desenvolvermos este artigo, foi também uma marca indelével, que lhe conferiu contornos específicos e a tornou leitura possível dentre tantas outras. Em outras palavras, as escolhas realizadas desde a seleção dos textos da amostra até a interpretação e articulação dos mesmos marcaram a possibilidade deste estudo, mas também lhe conferiram limites.

Dentre os limites deste artigo, mencionamos o de que a hermenêutica aqui articulada foi caracterizada com base em textos da tradição clássica em Psicologia Analítica e não incluiu as demais tendências dessa escola de pensamento. Além disso, mesmo a tradição clássica não se esgota na caracterização apresentada neste artigo, pois, multifacetada, também abre diferentes frentes de interpretação e de apropriação. Outro limite importante, ainda por ser considerado, se refere à ausência de demonstração, em detalhe, da aplicação prática dessa hermenêutica em uma pesquisa qualitativa em Psicologia.

Para finalizar, admitimos que como símbolo este artigo continua “vivo” e, portanto, aberto a novas

possibilidades de compreensão que certamente ultrapassam, em vários sentidos, o nosso entendimento da hermenêutica junguiana. Fica, assim, já anunciada a possibilidade de novos trabalhos acerca deste tema para aqueles que dialoguem com o presente estudo e encontrem nele alguma nova finalidade de sentido.

Referências

- American Psychological Association. (2010). *Publication manual of the American Psychological Association*. Washington, DC: APA.
- Bernstein, R. (1983). *Beyond objectivism and relativism: science, hermeneutics and praxis*. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania.
- Burke, J. W. S. (2003). *Strange attractors: transference, holography, and an archetype*. (Doctoral thesis). Pacifica Graduate Institute, Santa Barbara.
- Carotenuto, A. (2000). *Jung e la cultura del secolo XX* (3ed.). Bergamo: Tascabili Bompiani.
- Clarke, J. J. (1996). Jung e l'ermeneutica. In J. J. Clarke, *Jung e l'oriente: alla ricerca dell'uomo interiore* (pp. 57-58). Genova: Edizioni Culturali Internazionali.
- Eenwyk, J. R. V. (1997). *Archetypes & Strange Attractors: the chaotic world of symbols*. Toronto: Inner City.
- Forryan, B. & Glover, J. M. (1979). *General Index to the Collected Works of C. G. Jung (Bollingen Series XX)*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Hard, D. L. (2008). The classical Jungian School. In P. Young-Eisendrath, & T. Dawson, *The Cambridge Companion to Jung* (2nd ed., p. 95-106). England: Cambridge University Press.
- Humbert, E. G. (1985). A atividade do consciente: três verbos. In E. G. Humbert, *Jung* (pp. 19-23). São Paulo, SP: Summus.
- Jantsch, E. (1975). *Design for evolution: self-organization and planning in the life of human systems*. New York, NY: George Braziller.
- Jones, R. A. (2002). The relational premises of Jung's theory of psychological value and the embodied symbol. In S. P. Shohov (Ed.), *Advances in psychology research* (p. 3-20). New York, NY: Nova Science.
- Jung, C. G. (1966). On the relational of analytical psychology to poetry. In C. G. Jung, *The Collected Works of C. G. Jung* (Vol. 15: The spirit in man, art and literature, pp. 65-83). London: Routledge & Kegan Paul. (Original work published in 1922).
- Jung, C. G. (1969). On psychic energy. In C. G. Jung, *The Collected Works of C. G. Jung* (2nd ed., Vol. 8: The structure and dynamics of the psyche, pp. 3-66). Princeton, NJ: Princeton University. (Original work published in 1928).
- Jung, C. G. (1969a). Answer to Job. In C. G. Jung, *The Collected Works of C. G. Jung* (2nd ed., Vol. 9: Psychology and religion: west and east, pp. 357-470). London: Routledge & Kegan Paul. (Original work published in 1952a).
- Jung, C. G. (1969b). Synchronicity: an acausal connecting principle. In C. G. Jung, *The Collected Works of C. G. Jung* (2nd ed., Vol. 8: The structure and dynamics of the psyche, pp. 418-519). London: Routledge & Kegan Paul. (Original work published in 1952b).
- Jung, C. G. (1986). *Obras Completas de C. G. Jung* (4^a ed., Vol. 5: Símbolos de transformação). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1912/1952).
- Jung, C. G. (1991). *Obras Completas de C. G. Jung* (Vol. 6: Tipos psicológicos). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1921).
- Jung, C. G. (1991). Espírito e vida. In C. G. Jung, *Obras Completas de C. G. Jung* (3^a ed., Vol. 8/2: A natureza da psique, pp. 261-279). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1926).
- Jung, C. G. (1991). Considerações gerais sobre a teoria dos complexos. In: C. G. Jung, *Obras Completas de C. G. Jung* (3^a ed., Vol. 8/2: A natureza da psique, pp. 27-39). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1934).
- Jung, C. G. (1991). Princípios básicos da prática da psicoterapia. In: C. G. Jung, *Obras Completas de C. G. Jung* (Vol. 16/1: A prática da psicoterapia, pp. 1-18). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original

- publicado em 1935).
- Jung, C. G. (1991). Considerações teóricas sobre a natureza do psíquico. In C. G. Jung, *Obras Completas de C. G. Jung* (3ª ed., Vol. 8/2: A natureza da psique, pp. 99-171). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1946).
- Jung, C. G. (1991). A função transcendente. In C. G. Jung, *Obras Completas de C. G. Jung* (3ª ed., Vol. 8/2: A natureza da psique, pp. 1-23). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1957/1958).
- Jung, C. G. (1993). A importância da psicologia para a época atual. In C. G. Jung, *Obras Completas de C. G. Jung* (Vol. 10/3: Civilização em transição, pp. 129-148). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1933/1934).
- Jung, C. G. (1999). Apêndice – A interpretação psicológica dos processos patológicos. In C. G. Jung, *Obras Completas de C. G. Jung* (3ª ed., Vol. 3: Psicogênese das doenças mentais, pp. 162-175). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1914).
- Jung, C. G. (2002). Aspectos psicológicos do arquétipo materno. In C. G. Jung, *Obras Completas de C. G. Jung*, (2ª ed., Vol. 9/1: Os arquétipos e o inconsciente coletivo, pp. 85-116). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1938/1954).
- Jung, C. G. (2002). *Cartas 1946-1955*. Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1972).
- Jung, M. *L'ermeneutica*. Bologna: Il Mulino, 2002.
- Reason, P, & Rowan, J. (1981). *Human inquiry: a sourcebook of new paradigm research*. Chichester, SXW: John Wiley Sons.
- Rey, F. L. G. (2002). *Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo, SP: Thompson.
- Rey, F. L. G. (2005). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo, SP: Thompson.
- Rothgeb, C. L. (1998). *Carl Gustav Jung: chaves-resumo das obras completas*. Rio de Janeiro, RJ: Atheneu.
- Samuels, A. (2017). *The Future of Jungian Analysis: Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats* ('SWOT'). Retrieved from www.andrewsamuels.com/wp-content/uploads/SAP-LECTURE-SAMUELS-2017-final.pdf
- Samuels, A. (1993). *A critical dictionary of Jungian analysis*. London: Routledge.
- Samuels, A. (1989). *Jung e os pós-junguianos*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Siegelman, E. Y. (1990). The symbolic attitude. In E. Y. Siegelman (Org.), *Metaphor & meaning in psychotherapy* (pp. 159-183). New York, NY: Guilford.
- Silverman, D. (2002). *Come fare ricerca qualitativa*. Roma: Carocci.
- Young-Eisendrath, P., & Hall, J. A. (1991). *Jung's Self psychology: a constructivist perspective*. New York: NY, Guilford.

RECEBIDO EM: 05/06/2017
PRIMEIRA DECISÃO EDITORIAL: 23/08/2017
VERSÃO FINAL: 27/08/2017
APROVADO EM: 21/09/2017